



“Confusion de Confusiones”

João Duque
jduque@iseg.ulisboa.pt

É ESTÚPIDO, MAS CONTINUA

Em 2001, António Guterres classificou a Sisa (o atual IMT) como o imposto mais estúpido que existia em Portugal. Concorde!

Vinte anos depois, dos quais 13 sob a governação socialista incluindo os seis últimos, o que temos? O mesmo! Que país!

O IMT é um imposto estúpido porque tributa um capital de uma aplicação financeira que já foi tributado para se conseguir, dificulta a mobilidade, não estimula a reabilitação imobiliária e impõe custos excessivos ao comprador. É certo que o IVA também se impõe às transações, mas nesse caso a essência do imposto é aplicar-se a um bem que se vai consumir e, portanto, desaparecer. No IMT o bem não se consome! Permanecerá e até temos o imposto certo (o IMI) que permitirá cobrar os serviços que o Estado ou as autarquias têm de providenciar para se manter a acessibilidade e habitabilidade desse património.

Suponha o leitor que vai constituir um depósito a prazo no valor de €300.000 e que de imediato lhe surripiavam €14.400

Como devemos pois classificar quem deixa o seu país condenar-se cada vez mais à dependência de um imposto que um líder desse próprio partido considerou o imposto mais estúpido que existe?

por lhe aplicarem os impostos IMT e Selo nesse instante! Como acha que se sentiria? Mas se for comprar um imóvel neste valor para o disponibilizar a terceiros, é quanto paga à cabeça de impostos sobre a transação mesmo que como alternativa à aplicação financeira.

E se for uma família modesta que quer comprar uma casa nesse valor para a habitar como primeira habitação? Quantos meses terá de trabalhar para conseguir poupar, em termos líquidos, €14.400?

O pior é que deixaram que as autarquias dependam cada vez mais do IMT! Comparando o primeiro semestre de 2021 com o mesmo período de 2013, vê-se que o IMT aumentou mais de 200%, mas o IMI apenas 11%!

Como devemos pois classificar quem deixa o seu país condenar-se cada vez mais à dependência de um imposto que um líder desse próprio partido considerou o imposto mais estúpido que existe?

Nem António Costa, nem Mário Centeno (cujo objetivo nunca foi reformar a fiscalidade, a administração pública ou o sistema financeiro) nem o atual ministro das Finanças quiseram ou querem reformar coisa nenhuma. Isso implicaria criar atritos com os seus apoiantes parlamentares e poria em risco o exercício do poder, que é o seu único objetivo, além dos objetivos pessoais que aqui ou além se vão claramente demonstrando.

Acabar este imposto aumentaria os preços dos imóveis no longo prazo? Talvez não. Mas aumentaria certamente a justiça fiscal e aliviaria para já o fardo de uma classe média desesperada com os aumentos de preços e impostos.

ANÁLISE

Um verão melhor do que em 2020. Mas turismo ainda limita crescimento

Indicadores estão, em regra, acima de 2020 ou mesmo de 2019. Turismo com recuperação, mas longe do período pré- crise

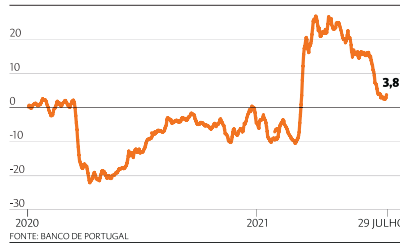


FOTO: RUI DUARTE SILVA

SÓNIA M. LOURENÇO

CRESCIMENTO DA ECONOMIA PORTUGUESA PERDE FÔLEGO EM JULHO

Taxa de variação homóloga do indicador diário de atividade económica do Banco de Portugal (média móvel semanal), em percentagem



Depois da forte recuperação no segundo trimestre, a economia portuguesa vai continuar a crescer no verão, embora a um ritmo mais modesto. É nesse sentido que apontam os indicadores disponíveis. Mas a cautela impera entre os economistas. É que a informação ainda é escassa e o turismo — sector-chave no comportamento da atividade económica nacional nesta altura do ano — está a recuperar, mas ainda longe do patamar pré-crise.

Os poucos dados disponíveis limitam-se a julho e “parecem apontar para a manutenção de algum dinamismo da atividade económica”, diz Paula Carvalho, economista-chefe do BPI. É o caso do consumo diário de eletridade, que, em média, aumentou 0,5% em julho, em termos homólogos, ficando 3,3% abaixo de julho de 2019. Também as partidas de aviões “aumentaram 20% em julho, em termos mensais (cerca de 10 vezes mais do que o valor homólogo)”.

Ao mesmo tempo, o número de compras na rede Multibanco subiu 16,3% em julho face ao mesmo mês do ano passado, ficando 7,2% acima de julho de 2019. É o terceiro mês consecutivo em que o patamar pré-crise é superado. Um sinal positivo sobre o consumo, apesar do recuo na confiança dos consumidores em julho — ficando, ainda assim, bem acima de julho de 2020 (ver caixa). Até porque, “apesar da dinâmica da pandemia em julho, o menor acréscimo de casos graves não afetou a mobilidade das pessoas”, constata Rui Constantino, economista-chefe do Santander em Portugal. Mas, em sentido contrário, as vendas de automóveis ligeiros de passageiros recuaram 19% em julho em termos homólogos.

Quando ao indicador diário de atividade económica do Banco de Portugal — que procura medir, quase em tempo real, a evolução da atividade —, “aponta para um crescimento homólogo médio em julho de 8%, embora com tendência decrescente”, aponta Paula Carvalho. Ainda assim, os últimos dados, relativos à semana terminada a 1 de agosto, indicam uma ligeira aceleração.

“Atendendo ao evoluir da pandemia e da vacinação e à suavização das restrições a partir de agosto, julho deverá ser um dos mais fracos, em termos de atividade económica, do terceiro trimestre”, considera Paula Carvalho. E continua: “Admitimos que em agosto e setembro as atividades relacionadas com o turismo reajam de forma bastante positiva, indo ao encontro da nossa previsão para o trimestre, que aponta para um crescimento de 1,3% trimestral e 3% homólogo.”

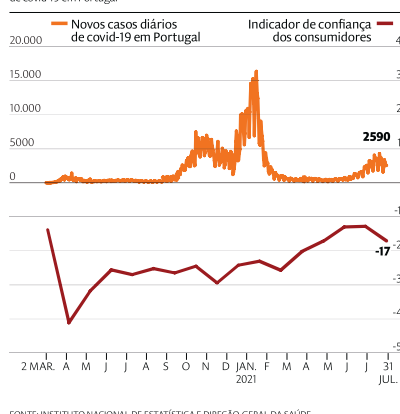
Turismo é chave

A dinâmica do turismo é “a variável mais relevante” no com-

portamento da economia portuguesa este verão, considera Rui Constantino, lembrando que “no período homólogo se assistiu a uma maior recuperação da atividade turística, apesar de muito aquém dos níveis pré-pandemia”. Aqui, a vacinação contra a covid-19 é “essencial” e “junho foi já um mês de recuperação do turismo por não-residentes, sendo o terceiro melhor mês desde o início da pandemia”, embora muito longe de 2019. Quanto a julho, “a nossa perceção é de que a atividade turística sofreu o impacto das medidas de restrição adotadas e da sua imprevisibilidade”, afirma Francisco Calheiros, presidente da Confederação

PANDEMIA CONDICIONA EVOLUÇÃO DA CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES

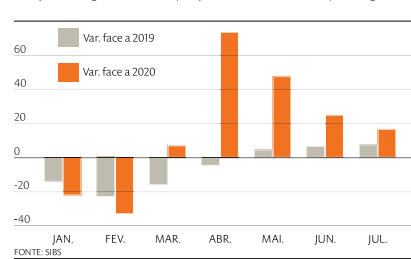
Valores efetivos mensais em pontos e número de novos casos diários de covid-19 em Portugal



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA E DIREÇÃO-GERAL DA SAÚDE

COMPRAS NA REDE MULTIBANCO ESTÃO JÁ ACIMA DO PERÍODO PRÉ-CRISE

Variação homóloga do número de operações face a 2020 e a 2019, em percentagem



do Turismo de Portugal. E explica: “A incerteza quanto à evolução da pandemia, que se agravou em junho no nosso país, junta-se os principais países emissores terem estado a privilegiar o turismo interno.” Mas este responsável acredita que “agosto e setembro serão meses mais positivos, quer pela perspectiva de recuperação do mercado britânico e alemão, quer pelo contributo do mercado nacional, quer ainda pelo avanço da vacinação e consequente aumento de pessoas com Certificado Digital Covid, que está a facilitar a circulação de turistas”.

No Algarve, a ocupação média por quarto atingiu os 49,5% em julho, acima dos 36,4% de

julho de 2020, mas longe dos 83,3% de julho de 2019, indica a Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA). É “a procura interna” que está a puxar, aponta Elidérico Viegas, presidente da AHETA, esperando que a tendência se mantenha em agosto, mês em que antecipa uma ocupação média em torno dos 65%, um pouco acima dos 62,5% de agosto de 2020, mas muito abaixo dos 92,9% de agosto de 2019.

“Penso que o turismo deste verão deverá correr melhor do que no ano passado, quando o confinamento era mais severo e havia um maior medo da covid-19 na sociedade. A informação disponível sobre dormidas e movimento nos aeroportos assim o sugere”, salienta João Borges Assunção, economista e professor da Católica-Lisbon. Mas há sinais de alerta nos “números bastante negativos observados em julho” no indicador de confiança apurado pelo Instituto Nacional de Estatística para o alojamento, restauração e similares, nota Pedro Brinca, economista e professor da Nova SBE. “As perspetivas sobre a situação atual e para os próximos três meses deterioraram-se de forma significativa, o que sugere que o surto da variante delta pode ter tido um efeito muito disruptivo. Por isso, “a normalização da economia portuguesa só ocorrerá quando toda a fileira do turismo e negócios complementares funcionar sem condicionamentos. Não haverá recuperação completa abandonando à sua sorte a fileira do turismo”, remata João Borges Assunção.

slourenco@expresso.imprensa.pt

Confiança ao sabor da pandemia

Melhora quando o vírus dá tréguas — e o Governo alivia as medidas restritivas —, piora quando a situação se agrava e as restrições aumentam. Assim tem sido a evolução da confiança dos consumidores em Portugal desde o início da pandemia. Por isso, sem surpresas, recuou em julho. “A somar ao abrandamento já observado em junho, sugere um forte abrandamento do processo de recuperação económica”, alerta Pedro Brinca, professor da Nova SBE.